

**AO INFINITO**

Cyro Soares Rodrigues\*

**A Fraqueza Maior**

A Segunda Guerra Mundial é fundamental em sua importância. Nietzsche não supôs essa emblemática catástrofe. Há uma dimensão de enfrentamento em Nietzsche, um belicismo tradicional, que não tem relação com o que viria ser a Segunda Guerra Mundial. Há uma dimensão teórica e uma dimensão filosófica. Na primeira, Adorno é obrigado a revisitar Nietzsche, pois é ele quem suspeita pela primeira vez de que algo caminha na direção errada; na segunda, compreende o pensamento filosófico contemporâneo, que só existe em função da ação do tempo histórico sobre o corpo do próprio filósofo. É o filósofo quem tem o olhar absoluto sobre o tempo na história. O homem se vê deslocado pela modernidade, pois a contemporaneidade desloca o homem, realocando-o no mundo.

A contemplação arrebatadora de Nietzsche não é possível não por ser o indivíduo incapaz, mas porque a sensibilidade e a percepção se transformam à revelia da consciência. É fruto dessa não-vida inscrita no tempo. O ataque de Nietzsche é desenrolado num espírito de arrebatamento do pensamento na modernidade. O homem contemporâneo assimila uma quantidade enorme de conhecimentos factuais que não moldam uma cultura formal comum.

O homem moderno sofre de uma personalidade enfraquecida. Cultura em geral não passa de uma forma de se domesticar o corpo, submetendo o indivíduo à disciplina e mecanismos de controle social. É um produto de sublimação de impulsos corpóreos que podem moldar e transformar o indivíduo ou ocasionar que seja tão severamente reprimido a ponto de instaurar-se a culpa, a doença, a decadência. Os valores da modernidade como replicação de valores escravos suplantando uma dinâmica anterior de subserviência a outrem. O resultado último da domesticação cultural por meio da repressão do corpo era um inigualável controle sobre o corpo nas sociedades modernas

---

\* Graduando em Filosofia (Bacharelado) pela EFLCH – UNIFESP. E-mail: cyrocsr@gmail.com.

que sujeitam o indivíduo a uma moralidade repressiva que bestifica os instintos, reduzindo o animal homem a mero animal dócil de manada.

A moral nobre é definida pela ação e criação; a escrava se caracteriza pela inércia e conservação. É ação e reação, sem caráter de oposição, sem exclusão. Não é uma moral em termos que envolvam a escolha por um tipo em detrimento de outro, mas sim a capacidade de mediação dessas duas dimensões da moralidade.

Para Nietzsche, a decadência é sintoma de fraqueza maior. A exuberância decadente é o negar da vida em seus próprios termos, que são inquestionáveis. Uma doença capaz de se manifestar em qualquer época, em qualquer período, e que remonta à era socrática. Fenômeno histórico e filosófico, a modernidade representa um momento decisivo na história, quando seus valores são revelados como ilusões vazias e ocas, que perdem, conseqüentemente, toda legitimidade. O pensamento de Nietzsche é, em várias formas, a primeira desconstrução da tradição filosófica.

Apesar de certo apreço de Nietzsche por culturas antigas, ele se ocupa com o presente e o futuro, atacando a tradição enquanto clama por uma sociedade e cultura renovadas. Nietzsche queria transcender a modernidade em nome de um novo modo de cultura e sociedade que criariam indivíduos mais fortes e desenvolvidos. Acreditava que o potencial para a criatividade e uma elevada forma de cultura, prometidos como possíveis através da erupção da idade moderna, foram suprimidos pela organização social e política que prevalecia, demandando radical mudança sociocultural. Tal postura, de certa forma, não deixava de ser moderna. Assim, apesar das críticas à modernidade, ele exemplifica o próprio espírito de modernidade da crítica, e ao longo de sua trajetória, atacou os ídolos contemporâneos da mente que ele via como obstáculo ao livre pensamento e o livre viver.

Enquanto a grande maioria de leituras sobre Nietzsche foca em sua filosofia ou crítica social, há duas problemáticas da modernidade acerca da constituição da cultura moderna e da sociedade, bem como sua crítica sobre como a modernidade inibe a criação de seres humanos mais livres. Sua escrita contém uma mistura fascinante de impulsos modernos, pré-modernos, pós-modernos que dão conta das contradições de seu pensamento. Sua crítica à modernidade é elemento chave de seu trabalho.

Nietzsche enxergava a cultura como algo que domesticara o corpo, submetendo o homem à disciplina e mecanismos de controle social. Para ele, a cultura era um produto da sublimação dos impulsos corporais, podendo formar ou moldar indivíduos devidamente fortes, ou, potencialmente, resultar com que sejam reprimidos severamente a ponto da instauração da culpa, doença e decadência. Os valores modernos eram tidos como replicações de ditos valores escravistas. Nesse cenário, os fortes eram objeto de vingança dos mais fracos, tendo seus corpos domesticados, de sorte a criar uma moralidade escrava capaz de internalizar o ressentimento contra o corpo e direcionar contra os inimigos do bando. Indivíduos mais fracos ressentiam as prerrogativas dos mais fortes, realizando a transvaloração dos valores, cancelando a moralidade anterior em favor de uma moralidade escravista, que promete salvação em um paraíso futuro em troca de submissão e obediência às forças institucionais e sociais, transformando os indivíduos em dóceis animais de manada, que se conformam à moralidade dominante. O resultado último desse processo de domesticação cultural através da repressão corporal é o inimaginável controle sobre o corpo em sociedades modernas, sujeitando os indivíduos à moralidade repressiva que anula seus instintos, reduzindo a fera humana<sup>179</sup> à dócil animal de manada.

Esse longo processo de radicalização social e de controle é remontado à cultura socrática, representada para ele pelo triunfo da razão sobre os instintos, mente sobre o corpo, intelecto sobre paixões e desejos. Nietzsche assim traça um paralelo entre as origens da modernidade na era socrática, perpassando o cristianismo, o renascimento e as sociedades modernas.

Por um lado, Nietzsche articula as mais profundas ideias da modernidade, advogando em favor do individualismo, do crescimento, desenvolvimento, inovação, e da destruição do velho em favor da construção do novo. O novo permeia sua obra. As perspectivas de Nietzsche acerca da modernidade são altamente estéticas e culturalistas, buscando a transcendência cultural em uma nova cultura. A sua política não é plenamente desenvolvida. Embora seja a favor de ideais de individualidade e diversidade cultural, não há análise política versando sobre o tipo de instituições que proporcionariam esses ideais. Para ele, a mudança apenas é possível através de uma revolução cultural e uma negação das instituições modernas existentes, bem como as

---

<sup>179</sup> Animal.

normas sociais vigentes, impostas por uma elite cultural. Entretanto, não há alternativa pragmática proposta para essa diferente organização social. Para ele, as sociedades modernas sofrem de profunda e desenganada decadência, sendo incapazes de acarretar em uma renovação. A regeneração viria de uma total transformação cultural que ele próprio esperara suscitar.

A filosofia de Nietzsche, por ser respeitada, fez com que suas ideias fossem, por vezes, manipuladas para se ajustar a fins políticos. O primeiro aspecto a ser levado em consideração quanto à apropriação do Nacional Socialismo da figura de Nietzsche deve ser, sem dúvida, o papel que sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, teve em moldar a imagem de Nietzsche. Tanto ela quando seu marido eram antissemitas e, o mero relacionar-se com os dois contribuiu para a imagem de que Nietzsche, também, pudesse ter sido.

“É uma matéria de honra para mim ser absolutamente claro e inequívoco no que tange o antissemitismo, notadamente oposto como sou em minhas escritas... Tenho sido perseguido em tempos recentes com cartas de Correspondência Antissemita; meu asco com o Partido... é tão franco possível, mas a relação com Förster, bem como as consequências de meu antigo editor antissemita, Schmeitzner, trazem sempre as aderências do desagradável Partido de volta à ideia de que eu deva pertencer à eles...”<sup>180</sup>

Nietzsche era abertamente contrário ao antissemitismo, porém publicações de cunho antissemita o ilustravam sob outra luz. Mesmo após sua morte, sua imagem continuou ser associada com o antissemitismo, em grande parte por iniciativa de Elisabeth.

Outro aspecto contribuinte à associação de Nietzsche e o Nacional Socialismo partiu do próprio Nietzsche, por meio do aspecto violento de algumas das ideias dele. As ideias de Nietzsche, muitas vezes, tinham uma agressividade enquanto propunham ao leitor que tomasse partido e agisse com base nelas. Um dos motivos pelos quais sua obra é usurpada pela ideologia Nacional Socialista é precisamente porque servia como justificativa para a violência nazista. Nietzsche, em sua obra, demandava ação, não compaixão. Preferia a criatividade ao racionalismo. Nietzsche entendia a necessidade de rejeitar certos valores para construção de uma nova e diferente sociedade. Propunha que o homem agisse por conta própria ao invés de conformar-se com os princípios impostos

---

<sup>180</sup> Texto original em inglês e tradução livre do autor. KAUFMANN, Walter. “*Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*”, New Jersey, Princeton University Press, 1974, p. 45.

pela sociedade moderna. Essas noções, que em Nietzsche tinham caráter transformador e agregador, foram usurpadas pelo Regime Nazista de sorte a servirem como justificativa para a brutalidade do regime. Para eles, os fins justificariam os meios enquanto os nacionais socialistas pudessem promover seus próprios interesses e àqueles da nação germânica para a criação de uma nação melhor e mais pura.

Os nazistas usavam o termo *übermensch* com uma definição específica em mente. Para eles, era um tipo de homem superior, poderoso, corajoso e racialmente superior. O mote dos fascistas, “viva perigosamente”, foi tirado justamente de Nietzsche<sup>181</sup>. Porém, enquanto a ligação entre Nietzsche e o Regime fora forjada a partir de uma má interpretação de suas ideias, ela de todo modo existe.

### **Os Extremos do Pensamento**

De maneira independente de qualquer aprofundamento no âmbito das intenções ou consequências de Wagner, sua ambivalência, tanto estética quanto política, é claramente uma marca de sua obra. Esse entrelaçamento é simplesmente inescapável. Wagner incorpora o revolucionário e o conservador. A transferência intelectual, por influência, apropriação, ou até mesmo recepção da política de Wagner continua relevante até a atualidade, bem como as ligações entre antissemitismo e fascismo.

Limitar uma tradição como sendo a repetição perpétua de fatores é equivocado. Tradição não é mera repetição, mas sim apropriação e adaptação devido à necessidade de quem as recepcionam, podendo até ter como resultado algo distinto sobremaneira do original, um negativo da ideia precursora. Wagner, independentemente da transferência intelectual ou das ramificações políticas de sua vida e obra, teve papel indiscutível no social nacionalismo e antissemitismo da Alemanha nazista.

Em Wagner, o relacionamento entre estética, política e filosofia é, até a atualidade, um subgênero riquíssimo que, precisamente por sua complexidade, merece um debruçar atento. Wagner foi um revolucionário no levante de Dresden, em 1849, e os trabalhos que escreveu a respeito da teoria da arte no exílio resultante da derrota do levante expressava, claramente, um socialismo revolucionário. Daí se deu o começo de sua obra, com sua música tendo como pano de fundo esses acontecimentos e tal

---

<sup>181</sup> German propaganda archive, <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/unser33.htm>.

sentimento revolucionário. Curiosamente, com o passar do tempo, esse caráter de revolução deu espaço a um olhar saudoso sobre valores culturais antigos. Como se uma evolução às avessas fosse, Wagner passou de utópico socialista à antissemita com um apreço pelo totalitarismo. Não é fácil entender essa intrigante evolução. Possivelmente, não deva ser de claro entendimento esse percorrer de todo o espectro político. Essa caminhada da revolução à regeneração.

O aspecto monumental da obra de Wagner, patológico em seu diagnosticar da necessidade tida pelas pessoas de retornar a alguma versão comum de um passado superado, fora também, de certa forma, universal, uma vez que não se pode analisar parte alguma de sua trajetória ignorando que o sentimento resultante dela transbordara as fronteiras alemãs. Não há uma linha reta que leva Wagner à Hitler; da mesma forma que não há como negar o elo entre Wagner e o Terceiro Reich. Wagner passeou pelos dois extremos do pensamento. Foi tanto socialista quanto conservador, revolucionário e extremista. Desiludido e ressentido com a modernidade, Wagner propunha, através de sua música, um espaço aonde as pessoas poderiam, juntas, ultrapassar barreiras e, como se num júbilo conjunto, atingir um arrebatado compartilhado.

### **Wagner, Nietzsche, e Hitler**

Theodor Adorno publica, em 1947, *“Wagner, Nietzsche, e Hitler”*, resenha sobre o quarto volume da biografia de Wagner escrita por Ernest Newman. O que distingue esta das demais resenhas feitas por Adorno é, sem dúvida, justamente seu título, audacioso em colocar os nomes de três das mais controversas figuras dos últimos tempos, juntos.

O antissemitismo de Wagner, abordado amplamente por Adorno, é geralmente tratado de duas maneiras, a saber, tenta-se manter o foco em sua obra musical e a importância da mesma acima de tudo, desconectando a obra da figura de Wagner, como se a qualidade fosse justificativa para tal separação; ou, também, foca-se na relação de Wagner com o Nacional Socialismo, não fazendo distinção entre o homem e a política do homem<sup>182</sup>.

---

<sup>182</sup> “Em geral, há uma dupla via de tratamento da questão do antissemitismo de Wagner; a primeira, baseada na importância incontestável da obra dramático-musical do compositor, defende seu legado acima de qualquer comprometimento político-ideológico, estando sua obra acima do vínculo. No entanto, a segunda via não isenta

O autor, por fim, interpreta as ligações entre Wagner e Nietzsche de forma um tanto rasa, contrapondo as duas figuras devido às qualidades “egocêntricas” dos dois, atribuindo o conflito entre eles às suas personalidades. Adorno não partilha dessa formulação. Em verdade, Adorno, embora crítico de Nietzsche, não o coloca necessariamente na mesma categoria fascista de Wagner. Similarmente ao que o tempo histórico tem provado, Adorno antecipou, em sua maneira, as visões que tem prevalecido sobre as figuras de Wagner e Nietzsche. Controversos, de fato, porém distintos. Com efeito, apesar das manipulações sofridas por Nietzsche em vida e mesmo após sua morte, as acusações a ele impetradas, no que concerne seu suposto antissemitismo, bem como os vínculos com o Nacional Socialismo não sobrevivem a um olhar crítico intelectual e historicamente, sendo possível constatar que, apesar de suas ideias terem sido apropriadas pelo Regime, o homem Nietzsche não compartilhava da visão higienista e fascista.

Com Wagner, entretanto, seguramente, o contrário se mostra plausível. O tempo histórico e o distanciamento não são capazes de separar, ou ainda, absolver Wagner intelectualmente, bem como não é possível afirmar com segurança que a resposta ao relacionar de sua obra com o nazismo seria de todo condenada por Wagner. A manipulação da vida e obra de Nietzsche não pode ser enxergada em Wagner<sup>183</sup>.

### **Todesmarsche**<sup>184</sup>

A *marchas da morte* foram marchas de prisioneiros que eram forçados a caminhar por longas distâncias, sob condições indizíveis, durante as quais os prisioneiros, não raramente, eram mortos pelos oficiais que os acompanhavam. Os nazistas conduziram diversas marchas para a morte durante o Holocausto, com a sua maioria ocorrendo ao final da guerra, logo após a evacuação dos Campos de Concentração. O termo ‘marcha para a morte’ era usado originariamente pelos prisioneiros em campos de concentração, e mais tarde foi incorporado por historiadores do Holocausto.

---

Wagner da conexão funesta com a política alemã que lhe serve de guia e espelho ainda em vida” BURNETT, Henry. “*O protofascismo dos Wagner, por Theodor Adorno*”, 2017, p. 69.

<sup>183</sup> “Ao fim, Adorno parece manter a tensão paradoxal que, de resto, sustenta suas análises das obras de Wagner e Nietzsche. Se manteve ao longo de todo o comentário uma posição muito firme de negar supostas relações de Nietzsche com o nazismo, a resenha se encerra deixando completamente em aberto os caminhos do wagnerismo[...]” BURNETT, Henry. “*O protofascismo dos Wagner, por Theodor Adorno*”, São Paulo, 2017, p. 83.

<sup>184</sup> Marcha para a Morte.

A primeira grande marcha aconteceu no verão de 1941, logo após a invasão da União Soviética. Centenas de milhares de soldados soviéticos prisioneiros de guerra foram forçados a andar ao longo das rodovias da Ucrânia e Belarus enquanto eram transferidos de um campo para outro. Uma quantidade massiva de prisioneiros fora assassinada no caminho e em sítios de execução previamente determinados. Ao mesmo tempo, Romenos – aliados dos alemães – marchavam judeus de Bessarábia e Bucovina para Transnistria. Milhares foram mortos por oficiais romenos e alemães. A maioria das marchas da morte ocorreu ao final da guerra. Durante o verão de 1944, conforme os aliados e os soviéticos avançavam, os nazistas começaram a liquidar os campos de concentração. Os primeiros campos a serem esvaziados foram aqueles da Polônia e nos Estados Bálticos.

Naquele outono, uma marcha, a partir de Budapeste, começou em 8 de novembro de 1944. 76,000 judeus foram obrigados a marchar em direção à fronteira austríaca, acompanhados por oficiais húngaros. A marcha durou um mês, durante o qual milhares morreram por fome, doenças, exaustão e frio. Outros milhares foram mortos a tiros durante o percurso e, ao chegarem à fronteira com a Áustria, foram entregues às tropas alemãs, que os escoltaram para os campos de Dachau e Mauthausen. Durante o inverno de 1944-1945, os alemães, sabendo que haviam perdido a guerra, evacuaram os campos na Polônia e marcharam os prisioneiros em direção à Alemanha. Os judeus viviam em constante medo de serem mortos durante os estágios finais da guerra, uma vez que não eram mais necessários para trabalhar.

Com a evacuação de Auschwitz, cerca de 60,000 prisioneiros foram em marcha para Wodzislaw, onde foram colocados em vagões de carga e despachados para outros campos como Dachau, Gross-Rosen, Buchenwald e Mauthausen. Em 21 de janeiro do mesmo ano, 4,000 prisioneiros foram soltos do campo Hblechhammer. Durante aquele mês, os alemães também começaram a esvaziar o complexo de Stutthof – uma rede que, à época, emprisionava 47,000 pessoas, sendo que mais de 35,000 eram judeus, em sua maioria mulheres. Um total de 7,000 judeus, 6,000 mulheres e 1,000 homens foram forçados a marchar por 10 dias. Setecentos foram assassinados no trajeto. Os sobreviventes chegaram ao Mar Báltico em 31 de Janeiro. Nesse dia, os nazistas empurraram os prisioneiros que haviam sobrevivido à marcha no mar e abriram fogo. Treze pessoas sobreviveram.



A evacuação do campo de Gross-Rosen e seus subcampos teve início em Fevereiro de 1945. Ao todo, 40,000 prisioneiros foram postos em marcha, sendo que milhares foram assassinados no trajeto. 20,000 prisioneiros judeus que trabalharam nos campos de trabalhos forçados em Eulengebirge foram assassinados momentos antes da evacuação ou durante a marcha da morte da retirada dos campos. Ao longo de março e abril de 1945, com a guerra chegando ao fim, os nazistas evacuaram campo após campo, mandando 250,000 dos seus 700,000 prisioneiros de campos a marchas da morte. Algumas duraram semanas, causando milhares de mortes ao longo de estradas do oeste da Áustria e Alemanha central. Frequentemente, os prisioneiros eram marchados à pé por parte do caminho, e depois colocados em trens, onde a eles eram negadas água e comida.

Em 06 de abril de 1945, a evacuação do principal campo de Buchenwald começou. De 3,100 judeus, 1,400 foram assassinados no trajeto. Nos quatro dias que se seguiram, outros 40,000 prisioneiros foram evacuados do campo. Rehmsdorf foi evacuado em 13 de abril. Dos 4,000 prisioneiros, 500 chegaram ao final da marcha vivos. O campo de Dora-Mittelbau foi também evacuado em abril. A maioria dos prisioneiros marchou em direção à Bergen-Belsen. Um grupo de prisioneiros foi forçado para dentro de um celeiro que foi, em seguida, incendiado. Tropas americanas chegaram um dia depois para encontrar centenas de corpos carbonizados. Ao final de abril, os nazistas iniciaram a marcha para a morte de Flossenbürg, Sachsenhausen, Neungamme, Magdeburg, Mauthausen, Ravensbrueck e vários subcampos do complexo de Dachau. Durante as marchas, que duraram até a véspera da rendição por parte dos nazistas, duas semanas depois, dezenas de milhares de prisioneiros morreram ou foram executados. Os que caíam, os que paravam devido o cansaço - todos eram fuzilados. Milhares de prisioneiros húngaros foram sepultados ao longo de 70 km de rodovia que ligavam Gunskirchen a Mauthausen. Entre 200,000 – 250,000 prisioneiros de campos de concentração foram assassinados ou morreram nas marchas para a morte, conduzidas ao longo dos dez últimos meses da II Guerra Mundial<sup>185</sup>.

O regime nazista conseguiu reduzir à condição de não humano o indivíduo, provando, assim, que não se tratavam de pessoas, mas sim de *figuren*: os sub-humanos, aqueles sem vida plena constatada, mas, tampouco, sem que a concretude da morte se

---

<sup>185</sup> Yad Vashem - The Holocaust Martyrs' and Heroes Remembrance Authority.

colocasse. A morte, para o regime, era banal. A colocação do indivíduo nesse limbo de existência, tendo sido quebrada sua essência, era o objetivo maior do regime. Ao final da guerra, aqueles que não pereceram tampouco poderiam dizer terem sobrevivido. Nessa indefinição monstruosa, estão aqueles que, apesar de tudo, continuaram. Venceram os alemães.

### **Contra o Tempo**

A distância que separa Adorno de Nietzsche é de mais de meio século. Esse período é um revisitar a Nietzsche em busca de um conceito por ele antecipado, o da antecipação da barbárie, da negatividade extrema. A centralidade do papel do corpo em Nietzsche tem no corpo a vítima última da modernidade, sendo nele que se instaura a decadência. Wagner é um fisiológico. Um decadente fisiológico.

“Em primeiro lugar, este quarto tomo reúne soberbas evidências que sustentam uma tese que poderia ser resumida da seguinte maneira: como ser humano, Wagner encarnou num grau surpreendente o caráter fascista, muito antes que o fascismo fosse sonhado”.<sup>186</sup>

A primordial tarefa do filósofo é posicionar-se contra seu tempo. Wagner foi decadente, bem como Nietzsche. O que os difere, nesse aspecto, é a consciência da própria decadência. Nietzsche, ao contrário de Wagner, percebia sua própria decadência<sup>187</sup>. Essa fisiologia do corpo é o que separa e o que obriga Adorno a retornar a Nietzsche.

---

<sup>186</sup> ADORNO, 2003c, p. 405; BURNETT, “*O protofascismo dos Wagner, por Theodor Adorno*”, 2017, p. 71-72.

<sup>187</sup> *O Caso Wagner*.